



**RECENSÃO CRÍTICA ao artigo online de Andre Euphrasio, “A vida LGBTQ no Japão”, no blog Go! Go! Nihon, 26 abril 2019, consultado em 11 dezembro 2020, disponível em <https://gogonihon.com/pt/blog/a-vida-lgbt-no-japao/>**

**IGUALDADE DE GÉNERO E DIVERSIDADE**  
DR.<sup>a</sup> THAIS FRANÇA DA SILVA  
04.01.2021  
TIAGO DINIS LEITE COUTO MARQUES  
Nº 99092

O presente artigo de Andre Euphrasio – tradutor, escritor, analista de pesquisa de mercado, freelancer – insere-se na secção «Vida no Japão» do blog «Go! Go! Nihon». Este foi criado em 2009 por Davide Rossi (CEO de K.K. GoGo World) para facilitar a integração de estudantes estrangeiros.

Às perguntas «Como é ser um estrangeiro LGBTQ no Japão?» e «Existe homofobia?», o bloguista responde com o facto de, por a sociedade ser muito conservadora, ser raro presenciar atos de homofobia. Contudo, o articulista deu exemplos do passado: a deputada Mio Sugita disse que casais do mesmo sexo «não produzem filhos (...) não contribuem para a prosperidade da nação»; o deputado Tomu Tanigawa sugeriu que a homossexualidade era «uma questão de gosto». Diversos governos locais no Japão já reconheceram uniões entre pessoas do mesmo sexo: Shibuya, Setagaya, Sapporo, Fukuoka e Osaka. Porém, o governo central ainda não o fez. No dia 14 de fevereiro de 2019, 13 casais do mesmo sexo processaram o governo, alegando que é seu direito constitucional de se casar. O Japão conta com marchas do orgulho gay desde 1994, sendo que a principal acontece em Tóquio. É um evento de uma semana para apoiar e promover a consciencialização e a igualdade. Em matéria de casas noturnas e bares gay, a área mais famosa em Tóquio chama-se Nichome em Shinjuku. Esses bares minúsculos (cerca de 300) têm uma atmosfera calorosa e amigável. Entre os mais famosos e maiores, menciona-se o Dragon Men, o The Eagle, o Gold Finger (bar focado nas lésbicas e aos sábados só mulheres podem entrar), o Arty Party, o Campy, o AiiRo Cafe, o Leo Lounge, o FTM Bois (focado em transexuais), o The ANNEX e o AiSOTOPE Lounge. Em Nichome, existe o Akta, que é um centro comunitário para a comunidade LGBTQ. Apesar de quase tudo ser em japonês, de vez em quando há pessoas que sabem inglês e até português. Outro evento LGBTQ é o festival de cinema Rainbow Reel Tokyo (primeira edição em 1992). Andre Euphrasio recomenda o documentário “Gaycation”, série criada pela Vice que mostra a vida LGBTQ em diversas cidades pelo mundo.

Nas suas respostas, o bloguista relata o polémico caso de uma deputada japonesa, Mio Sugita, que chamou os casais homossexuais de “improdutivos” por não poderem gerar filhos, questionando se seria “apropriado gastar o dinheiro dos contribuintes” com eles ou com políticas de apoio à comunidade LGBT. A deputada foi mais longe e acrescentou que uma sociedade que aceita relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo corre o risco de aumentar o número de “pessoas infelizes” no seu meio<sup>1</sup>. Estas afirmações contrariam o budismo e o xintoísmo, religiões predominantes no Japão, onde não existe nenhuma referência a homossexualidade como um pecado<sup>2</sup>. Segundo Anne Walthall (Universidade da Califórnia, Irvine), com a entrada em vigor do código penal de 1880, em conformidade com o Código Napoleónico (outorgado por Napoleão Bonaparte, disciplinou importantes áreas do Direito Civil como as leis que tratavam sobre o casamento, divórcio e estado civil), o Japão deixou de ter leis contra a homossexualidade<sup>3</sup>.

Apesar de a comunidade LGBT gozar de alguma proteção no Japão, este continua a ser o único país do G7 a não reconhecer casamentos entre pessoas do mesmo sexo. São também frequentes as queixas por parte destes casais sobre a dificuldade em arrendar casa ou em ser-lhes reconhecido o direito a visitar as/os companheiras/os no hospital<sup>4</sup>.

Em 1990, a Organização Mundial da Saúde tirou a homossexualidade da relação de doenças mentais. Em 1991, a Amnistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação dos direitos humanos. Em 1998, Coretta Scott King, ativista dos direitos civis, declarou num discurso em Chicago: "A homofobia é como o racismo, o antisemitismo e outras formas de intolerância na medida em que procura desumanizar um grande grupo de pessoas, negar a sua humanidade, dignidade e personalidade."<sup>5</sup>.

Quanto ao rigor científico do artigo, o mesmo denota não ter sido essa a maior preocupação apesar de esta matéria ser objeto de pesquisa da ciência nomeadamente da genética<sup>6</sup> e da antropologia<sup>7</sup>. Andre Euphrasio utiliza os vocábulos mais comuns de acordo com as aceções atuais: “homofobia”, “transfobia”, “homossexualidade”, “transexuais”.

Quanto ao rigor técnico do artigo, pode-se comparar à linguagem e assuntos tratados em textos de informação turística dada a exemplificação/sugestão de lugares e eventos, chegando a usar palavras como “onde os estrangeiros costumam frequentar” ou “há pessoas que sabem inglês e até português”. Por outro lado, o estilo assemelha-se à redação jornalística utilizada nos meios de comunicação social – relatos de notícias e acontecimentos atuais, manifestação de uma opinião. O texto tem uma linguagem clara e simples<sup>8</sup>.

A história como ramo do conhecimento também se tem ocupado destes assuntos como se exemplifica na obra *O Belo Caminho: história da homossexualidade no Japão*, Editora C33, 2019, de Gary P. Leupp (professor de História na Universidade de Tufts, Medford/Somerville, Massachusetts, nos Estados Unidos):

*“Durante o período Edo (1603-1868), a homossexualidade era corriqueira na sociedade japonesa. Mais que tolerado, o sexo entre homens era celebrado. O comportamento homossexual estava entranhado em casas samurais, monastérios budistas e no teatro cabúqui. As referências aparecem no teatro popular, em biografias, diários pessoais e de viagem, estatutos, testamentos, tratados médicos, literatura ficcional, anedotas e poemas satíricos. A ubiquidade atesta ser a homossexualidade mais que um fenómeno marginal no período — ao contrário, era manifesta e institucionalizada no quotidiano. Historiadores afirmam que o estudo do passado contribui para a compreensão e o aperfeiçoamento do presente. A história da sexualidade nos possibilita perceber o quanto as práticas sexuais são reféns de instituições transitórias, um entendimento que contribui para a dissolução de preconceitos e fobias, disseminando a tolerância sexual nas sociedades contemporâneas.”*

O público-alvo visado, a quem a leitura deste artigo procura ser especialmente útil, são todas as pessoas que se vejam inseridas na comunidade LGBTQ, sejam lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros ou queers, independentemente do seu país de origem e que queiram viajar para o Japão. Segundo a fonte [www.lgbt-capital.com](http://www.lgbt-capital.com) (2015), calcula-se que a população LGBT no Japão seja de 8 milhões, no Brasil 13 milhões e na União Europeia 32 milhões<sup>9</sup>.

Este tema emergente na nossa sociedade já mereceu iniciativas relacionadas com os Jogos Olímpicos. A "Casa do Orgulho" é semelhante a outras estruturas temporárias criadas em edições anteriores, mas a que abriu na capital japonesa será também, segundo os promotores, um espaço de permanente troca de informação, com o objetivo de sensibilizar o público para a diversidade sexual e um refúgio para as vítimas de assédio ou discriminação.

O segmento LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgéneros, Queers e Intersexuais) representa cerca de 10% dos viajantes no mundo e movimenta 15% da faturação do setor, segundo dados da Organização Mundial do Turismo. Interessados nessa fatia do mercado, muitos destinos têm-se capacitado para atender melhor esse público. Na *Internationale Tourismus-Börse Berlin* (ITB) 2018, feira líder mundial no setor de turismo, que ocorreu no mês de março, a área destinada a promover o turismo LGBTQI bateu o recorde de participação, com 20 representações, numa ala especial com direito a tapete pink e espaço para debates. Entre os países presentes estava o Japão<sup>10</sup>.

Em comparação com outros blogues, por exemplo “Coisas do Japão” da brasileira Kelly Kajiwara (redatora, copywriter, freelancer, inbound marketer, analista de social media), o presente artigo provém de uma fonte menos generalista e mais especialista na matéria<sup>11</sup>. Se compararmos com o blogue «Japão em foco» da brasileira Silvia Kawanami (editora na blogosfera), perderá nos aspetos da informação, história e rigor científico<sup>12</sup>.

Em conclusão, um dos pontos mais relevantes é estarmos perante um testemunho credível na pessoa de Andre Euphrasio pela sua experiência pessoal e profissional. Trata-se de um texto pertinente e elucidativo, que expõe de forma sintética a realidade nipónica no que à sua comunidade LGBTQ diz respeito.

- 1      <https://veja.abril.com.br/mundo/deputada-japonesa-chama-comunidade-lgbt-de-improdutiva/>
- 2      [https://www.japanhoppers.com/pt/all\\_about\\_japan/lgbt/266/](https://www.japanhoppers.com/pt/all_about_japan/lgbt/266/)
- 3      <https://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=4126>
- 4      <https://www.noticiasaoiminuto.com/mundo/1602121/primeira-casa-do-orgulho-lgbt-inaugurada-em-toquio>
- 5      <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia>
- 6      <https://observador.pt/2019/08/29/o-gene-gay-nao-existe-mas-a-homossexualidade-tambem-esta-no-adn/>
- 7      <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/a-quem-interessa-a-repatologizacao-da-homossexualidade/>
- 8      <https://www.universia.net/br/actualidad/actualidad.orientacion-academica.5-tipos-textos-946127.html>
- 9      [https://d3pwz8qrais8b7.cloudfront.net/portal-wyden/public/custom-uploads/unifbv/georgina\\_venancio\\_de\\_queiroz.pdf](https://d3pwz8qrais8b7.cloudfront.net/portal-wyden/public/custom-uploads/unifbv/georgina_venancio_de_queiroz.pdf)
- 10     <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2018/04/de-olho-no-crescimento-do-mercado-destinos-investem-no-publico-lgbtqi-cjfiirk3f04db01ph8wlih2pe.html>
- 11     <https://coisasdojapao.com/2018/02/22217/>
- 12     <https://www.japaoemfoco.com/como-e-visto-a-homossexualidade-no-japao/>